

LÍDIA BAUMGARTEN BRAUN¹

**A IGREJA LUTERANA E AS ESCOLAS NA COLÔNIA RIOGRANDENSE-
MARACAÍ/SP: DESVENDANDO NOVOS CAMINHOS**

Resumo: O presente artigo trata do processo de inserção de imigrantes alemães e seus descendentes na Colônia Riograndense, região de Maracaí, Estado de São Paulo, ocorrido entre os anos de 1950 a 1990. Procuo apresentar as formas de relacionamento vivenciadas entre as famílias da comunidade, norteadas pela religiosidade através da Igreja Luterana e pela cultura alemã por meio da escola, utilizando também acervo fotográfico para análise desse processo.

Palavras-Chave: Imigrantes alemães; religiosidade; cultura alemã.

Abstract: This article discusses the process of integration of German immigrants and their descendents in Riograndense Colony, region of Maracaí, state of São Paulo, occurred between the years 1950 to 1990. Looking for ways to present the relationship between the families lived in the community, guided by religion throught the Lutheran Church and the German culture through the school, also using photographic analysis for this process.

Keywords: German immigrants; religion; German culture.

Artigo recebido em 27/05/2011
Artigo aprovado em 29/07/2011

¹ Doutora em História pela Universidade Estadual Paulista – UNESP - Email: lidibraun@uol.com.br.

O presente artigo traz reflexões acerca da pesquisa desenvolvida no doutorado que procurou apreender o processo de inserção de imigrantes alemães e seus descendentes na *Colônia Riograndense*, região de Macaraí, interior de São Paulo, entre 1950 a 1990. Esta região recebeu principalmente imigrantes alemães e migrantes de origem alemã vindos do Rio Grande do Sul e de outros estados brasileiros, mas, também grupos de diversas nacionalidades – poloneses, austríacos, húngaros e suíços, estes últimos com menor expressividade. Os diferentes grupos vieram em períodos distintos, a partir da década de 1920.

As práticas cotidianas, como o trabalho, o lazer, as festas, as relações sociais estabelecidas através dos casamentos interétnicos e os hábitos alimentares e a convivência estabelecida por meio das Instituições, como a Igreja Luterana e as escolas – alemã e brasileira foram discutidas e analisadas nesta pesquisa. Tais práticas, embora indicassem trajetórias de vida e experiências comuns, evidenciaram olhares distintos sobre a mesma experiência.

Destarte, procuro neste artigo, apresentar quais eram as formas de relacionamento entre as famílias que compartilhavam os mesmos sentimentos e anseios e, apreender também as divergências e as dificuldades que permeavam suas vidas, norteadas pela religiosidade e pela cultura alemã por meio da escola, especialmente a partir da análise de fotografias.

1. A religião: espaço de crença e de sociabilidade

A religião, desde os anos da fundação da Colônia, foi uma forte referência para as pessoas. Além do exercício de crença e de representar alento nos momentos difíceis experimentados ao longo dos anos, a Igreja Luterana serviu como um espaço de sociabilidade e de trocas de experiências. Tal espaço reforçava os hábitos e as tradições por meio das festas e do lazer. Além disso, os encontros nos finais dos cultos proporcionavam formas de inserção na comunidade.

Na Igreja Luterana e no Clube da Barra Mansa foram frequentes as sessões de cinema. As pessoas assistiam a vários tipos de filmes, mas os preferidos eram os de comédia. A influência do cinema americano se deu com o filme *O gordo e o magro*. Assistiam também a documentários referentes à cultura alemã, seus costumes e seus modos de viver - todos em língua alemã - como forma de manter viva a tradição e preservar a identidade germânica. Geralmente os filmes vinham de São Paulo, cedidos pelo Instituto

Martius Hans Stadens. Gradativamente, foram passando a oferecer atividades também em língua portuguesa.

As fotos que vão do número 1 até 13 fazem referência à Igreja Luterana, uma das instituições que considero mais importantes no processo de fixação, de adequação e de inserção do imigrante alemão e de seus descendentes. Nelas, são evidenciados alguns aspectos da vida cotidiana, tais como: os lugares sociais disputados e seus espaços físicos; a integração entre as pessoas e as lideranças religiosas; os modos de se vestir; os meios de transporte; as diferenças na maneira como cada pessoa apreende a realidade como representação simbólica ou então, ressignifica seus hábitos e seus costumes.

Se nos basearmos em Martine Joly (1996), quando afirma que a “imagem está vinculada às tradições e à nossa cultura”, as imagens fotográficas analisadas aqui são fundamentais para tentar compreender a importância e o que representou a experiência comunitária e religiosa para o grupo de imigrantes e seus descendentes.



Foto nº 1 – Inauguração do novo templo da Igreja Luterana – Ano – 1959
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

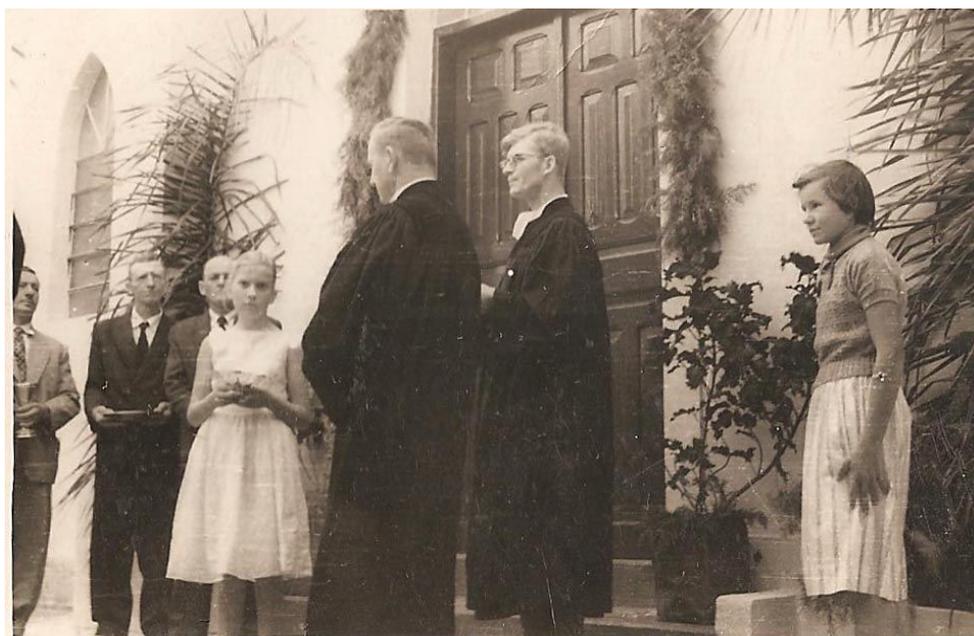


Foto nº 2 – Inauguração do novo templo da Igreja Luterana – Ano 1959
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

No âmbito da comunidade luterana, é importante mencionar também a inauguração do novo templo (Fotos 1 e 2), a organização de sessões de cinema, de teatro de fantoches e apresentações de peças teatrais, inicialmente em língua alemã e, mais tarde, também em língua portuguesa. Nos cultos, se apresentavam vários corais, tanto de vozes quanto o de instrumentos de sopro.



Foto nº 3 – Comemoração do Dia da Reforma da Igreja Luterana –
Década de 1960 (Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E.
Knoch).

As formas de sociabilidade se davam por meio da integração entre as pessoas nos finais dos cultos e nas diversas atividades de lazer e práticas culturais realizadas na comunidade. Entre elas, destaco as festas tradicionais, como a comemoração do Dia dos Pais e das Mães, o Dia da Reforma Protestante (Foto 3), os casamentos e batizados, festas de confraternização da comunidade luterana e as festas natalinas.

Alguns aspectos da cultura alemã são evidenciados na foto 3. Trata-se de um culto festivo em comemoração à Reforma Luterana, e os jovens que estão no altar, realizando uma homenagem para essa data, têm nas mãos pequenos cartazes com alguns escritos em língua alemã com os dizeres *Comemoração do Dia da Reforma*.



Foto nº 4– Comunidade Luterana e Coral de Trombones posicionado no alto da foto (ala superior da igreja) – década de 1960 (Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

Na foto 4, o Coral de Trombones aparece na parte superior da Igreja, ao fundo. O fotógrafo escolheu um ângulo privilegiado, no qual procurou passar ao leitor alguns aspectos culturais inseridos naquela comunidade. Aqui, dois aspectos importantes devem ser ressaltados. O primeiro diz respeito ao hábito que existia entre homens e mulheres de se sentarem em lados opostos, sinalizando para a existência de uma comunidade ainda com características machistas. O outro aspecto relevante é o aparecimento do Coral de

Trombones, no alto da foto, como elemento característico da cultura alemã, sendo que este participava ativamente das atividades religiosas, festivas e culturais.



Foto nº 5 – Igreja Luterana – pessoas conversando em frente à igreja – década de 1970 (Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

A Igreja Luterana era um dos pontos de encontro entre jovens e familiares, proporcionando um elo entre as famílias que, mesmo com as suas divergências culturais, permaneciam vinculadas entre si, por meio da convivência. A foto 5 evidencia essa integração. Após os cultos, as pessoas permaneciam em frente à Igreja, conversando, trocando experiências, falando dos seus problemas do dia-a-dia. Até mesmo quando permaneciam nas festas promovidas pela Igreja, elas aproveitavam para “colocar a conversa em dia” já na saída do culto, continuando, pois, a integrar durante o dia todo com diversas pessoas que aproveitavam para rever.



Foto nº 6 – Festa na Igreja Luterana – Década de 1970
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

Na foto 6, temos vários elementos a serem considerados. Homens e mulheres caminham no sentido do salão da Igreja Luterana, provavelmente para a comemoração de alguma festa ou então, para outro tipo de evento ou atividade. Geralmente, havia o culto pela manhã e, em seguida, a festa, com direito a almoço e café da tarde. Assim, passavam o dia confraternizando-se. Vemos na foto, além das pessoas, também os caminhões e tratores – os meios de transporte da época -, uma parte da estrutura da Igreja e do cemitério, e algumas construções de madeira. Ao fundo, vemos ainda a vegetação de mata virgem.



Foto nº 7 – Culto religioso na Igreja Luterana – Década de 1970
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).



Foto nº 8 – Pastor da Igreja Luterana e padre da Igreja Católica –
Década de 1970 (Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M.
E. Knoch).

Em relação às lideranças no interior da comunidade da Igreja Luterana, é importante ressaltar o trabalho realizado pelo presbitério, que sempre administrou as diferentes atividades e o patrimônio da mesma; e o trabalho da OASE – Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas - que, como já mencionei anteriormente, é um órgão da Igreja Luterana composto só por mulheres que, desde os primeiros anos de formação da instituição até os dias de hoje, trabalham em vários setores e atividades da comunidade, especialmente nas festas. Ambos os departamentos de liderança desempenharam, ao longo dos anos, trabalho voluntário dentro da Igreja Luterana.

Outro aspecto relevante a ser mencionado é que desde o início da colonização havia integração entre luteranos e católicos. Os católicos se instalaram num bairro que se transformou numa pequena vila chamada São José das Laranjeiras, a partir de 1924. Nas primeiras configurações geográficas da Colônia Riograndense o vilarejo também fazia parte dela. Com o decorrer dos anos, São José das Laranjeiras se desvinculou dessa configuração, embora não exista distinção entre o espaço geográfico de ambas. Esta agregou imigrantes vindos da Prússia Oriental e também migrantes do Estado do Espírito Santo (prussianos capixabas).

O relacionamento entre católicos e luteranos se deve principalmente pela proximidade dos bairros e pela questão da origem alemã. O relacionamento entre ambos se estendia também ao convívio diário, interagindo nas práticas culturais manifestadas entre eles, nos diferentes âmbitos da vida social, seja no lazer, na religiosidade, no trabalho, nas festas e nas comemorações de datas comuns que os dois grupos compartilhavam.



Foto nº 9– Senhoras da OASE trabalhando nas festas da Igreja Luterana – década de 1960 (Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

A foto 9 evidencia a organização do trabalho das mulheres que fazem parte da OASE. O grupo tem por objetivo trabalhar voluntariamente nas festas, eventos e atividades gerais dentro da comunidade e também fora dela. Em destaque, bem ao centro, segurando a caixa com o dinheiro está a Sra. Hilda Völk. A primeira da direita para esquerda é a Sra. Erna Reinecke, esposa do Sr. Gustavo Reinecke. As outras senhoras são esposas de outros membros da Igreja e também participavam ativamente das atividades realizadas na Igreja e na comunidade. Na foto, aparecem vários elementos da cultura alemã. Cada uma das senhoras está segurando algo: Bule de café, guardanapo, caixa com dinheiro e com as fichas, e bolo.

Os bolos que estão em cima da mesa são variados, com recheio de vários sabores e as tradicionais *cucas*. Elas posaram para o fotógrafo dentro do espaço que elas mesmas ocupavam e, onde elas haviam organizado os bolos e o café com leite. Nota-se que há uma mesa comprida que separa as fotografadas do restante das pessoas que estão atrás delas. Fica claro que elas sentem necessidade de registrar o momento e enfatizar que havia muitas tortas alemãs, as *cucas* e diversos bolos recheados com o intuito de evidenciar aspectos da cultura alemã. Uma forma de manter o vínculo com a tradição alemã e com sua identidade.

O fato de elas fazerem questão de destacar a caixa com o dinheiro indica que elas vendiam os bolos para a comunidade participante, uma forma de arrecadar fundos para eventuais gastos no trabalho beneficente.

A valorização de uma imagem positiva a respeito da época de juventude é lembrada pelo Sr. Gustavo. Ele conta que aos domingos iam ao culto na Igreja Luterana e, em seguida organizavam o encontro de lazer para a tarde. Ele narra que:

Domingo em geral a gente ia na Igreja, no culto, né? E lá era o encontro, e aí voltava e aí sempre já tinha um campinho de futebol, jogava bola e isso aí tava em todos esses bairros...., encontro com música, de cantar, sempre em grupo, não era muito distante, porque era a pé, então o encontro sempre tinha.²

Para os meus entrevistados, a Igreja teve papel fundamental ao proporcionar um elo entre eles. A população se integrava através dos encontros após os cultos, momento em que organizavam outras atividades de lazer e de cultura. Todos trazem boas recordações sobre essa época. Esse relacionamento vivido, em especial nos encontros dos jovens e das

² Entrevista com Gustavo Reinecke em 27/07/02.

famílias da Igreja Luterana, realizado aos domingos, assinala uma época em que se convivia intensamente. No entanto, é importante salientar que, em determinados momentos, a Igreja era a única opção de integração e de espaço para estabelecer as relações de sociabilidade.

Donzelli, analisando a alteridade nos bairros rurais de Penápolis, no interior de São Paulo, destaca a importância da presença da Igreja Católica e da escola como formas de integrar as localidades rurais com o restante da região:

O fato de existir uma capelinha, simbolizando a necessidade espiritual e de congregação das pessoas, já demonstra o papel da Igreja Católica na percepção de pertença ao bairro rural, mas também indica que o bairro pertence a algo mais amplo do que o município – a uma região. A religião católica, no caso dos bairros em estudo, reforçou a solidariedade interna do bairro e serviu para ligá-los com uma sociedade mais vasta que os engloba. Além disto, a presença da escola indica uma estrutura voltada às normas gerais existentes na sociedade global; organizada fora do bairro, mas imposta de maneira monolítica, exerce, com relação às crianças, uma função homogeneizadora, aproximando-as culturalmente das crianças do Estado e do país, mesmo com pouca permanência delas na escola rural. (Donzelli, 2006: 5,6).

Entre 1950 e 1990 as formas de convivência e os modos de viver foram se transformando e criando novas situações, a partir da ampliação das opções de relacionamento e das práticas culturais, consequência das transformações políticas e sócio-culturais ocorridas no Brasil.

O fortalecimento da comunidade da Colônia Riograndense se deve principalmente aos cuidados das lideranças religiosas. O fato de terem construído a Igreja - primeiramente de madeira, e depois, em 1959, de alvenaria - e lhe terem, assim, instituído a comunidade luterana, possibilitou e facilitou a permanência de muitas famílias na região.

Nas fotos 10, 11, 12 e 13, é possível destacar períodos distintos vivenciados pela comunidade luterana com o templo antigo de madeira; com a construção do templo novo de alvenaria, com o espaço da comunidade mais atual, dotado de grande infraestrutura e, por último, a vista do cemitério ao lado da Igreja.



Foto nº 10 – Igreja Luterana – Templo de madeira e alvenaria – década de 1960
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

Na foto 10, o fotógrafo procurou um ângulo que pudesse focalizar os dois templos – o antigo e o novo. Isto se deu, certamente, com o objetivo de deixar para posteridade uma foto em que as pessoas pudessem apreender aspectos da realidade vivida. Ou seja, evidenciar a transformação do espaço físico no decorrer dos anos, e possibilitar que as gerações mais novas pudessem conhecer um pouco do que foi a história daqueles que viveram nos primeiros anos de colonização e o seu significado. Isso também está associado às melhorias de vida ocorridas na vida das pessoas e na comunidade.



Foto nº 11 - Igreja Luterana – Templo novo – década de 1970
(Álbum de fotografias da Sra. Wilhelmina M. E. Knoch).

Na foto 11, o fotógrafo focaliza apenas o templo novo, deixando aparecer apenas um pequeno fragmento do antigo templo. Não é possível visualizar com precisão, mas há pessoas sentadas debaixo das árvores. Esse era um espaço oferecido para que os membros pudessem permanecer ali, aguardando o horário do culto, ou então conversando entre eles, na sombra das árvores. Nesse período, não só a infraestrutura da Igreja Luterana já está transformada, como toda a Colônia vive novos tempos.



Foto nº 12 - Vista da Comunidade Evangélica Luterana da Colônia Riograndense – 1990
(Arquivo pessoal de Lídia B. Braun)

A foto 12 destaca a grande infraestrutura da comunidade luterana. A foto foi tirada a pedido do presbitério para a comemoração de alguma data especial. Certamente, o objetivo era que essa foto ficasse, não apenas arquivada, mas de posse de todos os membros da comunidade, constituindo-se numa espécie de tentativa de perpetuar a Igreja Luterana, seus membros e suas atividades, tanto religiosas quanto festivas. Ou seja, o objetivo era desvelar o processo de transformação vivido na Colônia Riograndense.



Foto nº 13 - Vista do alto da torre da Igreja Luterana – cemitério ao lado do templo – Atualidade
(Arquivo pessoal de Andréa Pichler)

A foto 13, que retrata o cemitério, é atual e o fotógrafo procurou um ângulo privilegiado para tirá-la. De cima da torre da Igreja vemos um cemitério muito bem cuidado, bem arborizado e florido. Ao redor, a plantação de soja. Nesse cemitério, estão enterrados vários membros de famílias pioneiras.

Mesmo que as divergências ocorressem dentro da comunidade, - e elas tinham de ser superadas -, a Igreja Luterana serviu de sustentação para que muitos de seus membros lá permanecessem e assim pudessem compartilhar os problemas e buscar as soluções para os mesmos, sempre amparados pela fé e pelas diversas formas de integração entre os membros da comunidade.

As informações obtidas durante minha pesquisa de campo sinalizam para uma dupla função pastoral. O pastor não se ocupava apenas de suas funções pastorais, ou seja, das questões da religiosidade das famílias, mas ele também auxiliava nas questões referentes ao cotidiano familiar. Procurava investigar quais eram os problemas e as dificuldades enfrentadas por eles, colaborando na organização da vida cotidiana da comunidade.

A preocupação da Igreja Luterana era a de agregar todas as famílias em torno de um bem-estar comum. Contudo, as diferenças surgiram e se concretizaram em tensões e conflitos que as pessoas procuraram esquecer ao longo dos anos, ou seja, as formas de relacionamento, por vezes, conflituosas, que eram em outros momentos superadas pela integração e agregação entre eles.

As tensões aconteciam tanto em âmbito privado quanto nas relações estabelecidas na comunidade. Questões referentes à culinária, à língua culta e aos dialetos, os modos de se vestir, os insultos em relação à própria cultura foram muito frequentes. Até mesmo as brigas nos bailes, as discussões aconteciam por questões de caráter sócio-cultural. Às vezes, o fato de um olhar mal interpretado era encarado como insulto. Eram as ações simbólicas, de representação que expressavam a posição social de cada indivíduo³.

Os pastores que eram enviados para comunidades em formação, preparavam-se também, através do aprendizado de alguns assuntos básicos, uma espécie de “primeiros socorros”. Geralmente vinham da Alemanha e traziam alguns medicamentos para febre e

³ Chartier esclarece que a história cultural é importante para identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma realidade social é construída, pensada, dada a ler. Portanto, ao voltar-se para a vida social, esse campo pode tomar por objeto as formas e os motivos das suas representações e pensá-las como análise do trabalho de representação das classificações e das exclusões que constituem as configurações sociais e conceituais de um tempo ou de um espaço. (CHARTIER. 1990: 17).

dores em geral, disponíveis somente lá naquela época. Esses medicamentos foram fundamentais para essa população.

Para exercer a função de pastor da comunidade luterana e se deslocar de um lado para o outro, o pastor utilizava o cavalo e a charrete como meio de transporte, até que chegaram os primeiros tratores e caminhões.

Em 1959, o templo da Igreja Luterana que era de madeira cedeu lugar a um novo templo feito de alvenaria, como já vimos nas imagens. Houve divergências entre as famílias dos imigrantes quanto à construção do novo templo. Isso se deu porque alguns membros da comunidade queriam que ele fosse construído ao lado da casa paroquial que ficava a mais ou menos um quilômetro de distância do antigo templo. Outros, queriam que o templo fosse construído no mesmo lugar onde estava, um local mais plano e mais alto em relação ao outro desejado.

Pelo que pude analisar, através dos diálogos, é que essas diferenças de opiniões foram aos poucos sendo superadas especialmente através da vinda do Pastor Johannes Knoch a essa comunidade. O Pastor Knoch usou de diplomacia, conversou com um e com outro e assim acabaram entrando em acordo, sendo que, o novo templo foi construído ao lado do antigo templo. Para quem chega à Colônia, a Igreja Luterana é vista de longe e o mesmo acontece para quem está no local. É um lugar privilegiado, pois de lá é possível enxergar uma bela paisagem.

A Sra. Grete relembrou as divergências sobre o local onde seria construído o templo:

Por exemplo, tinha aqui a Igreja, uns queria a Igreja aqui embaixo perto da casa paroquial, outros queriam ela lá em cima, onde ela está, mas é.....foram falando, falando, um fala aqui, outro fala ali.⁴

Chama atenção o fato de haver divergências em relação à construção do novo templo, mas é compreensível que isso acontecesse. É importante ressaltar que havia na Colônia pessoas muito diferentes entre si. Essa divergência se expressava na maneira de se vestir, na forma de pensar, nos hábitos e costumes, na língua, pois elas falavam vários dialetos e também o alemão culto. Além disso, as pessoas que vieram da Europa eram muito diferentes daquelas que vieram da região do Sul, por exemplo. Portanto, as divergências imbricadas nesse processo acentuaram a disputa de um lugar social entre eles.

⁴ Entrevista com Grete Wrede em 01/05/03.

Os conflitos e as divergências entre os imigrantes que vieram da Alemanha e dos migrantes gaúchos de descendência alemã eram os mais comuns, como veremos adiante. Essas divergências faziam parte do cotidiano, pois cada pessoa buscou ocupar seu espaço, ter uma boa posição social dentro do grupo, seja nas relações de sociabilidade, seja através das práticas culturais ou, ainda, nas relações de produção que se expressavam nas relações de poder e lutas de representação.

Nessa perspectiva, é salutar utilizar as idéias de Thompson sobre as relações sociais e a concepção de cultura que perpassa a noção de experiência de homens e mulheres.

As relações entre o ser social e a consciência social seguem agora: em qualquer sociedade cujas relações sociais foram delineadas em termos classistas, há uma organização cognitiva da vida correspondente ao modo de produção e às formações de classe historicamente transcorridas. Esse é o senso comum do poder (...). Contudo, há um sem número de contextos em que homens e mulheres, ao se confrontarem com as necessidades de sua existência, formulam seus próprios valores e criam sua cultura própria, intrínsecos ao seu modo de vida. Nesses contextos, não se pode conceber o ser social à parte da consciência social e das normas. Não há sentido algum em atribuir o prevaletimento de um sobre outro. (Thompson, 2001: 261).

Nesse jogo de forças que permeou o cotidiano das pessoas, foi possível evidenciar o confronto das diferenças, a saber, seus valores e seus costumes, suas diferenças de classes sociais, ao mesmo tempo em que, criava-se um espaço para intensas trocas culturais, por meio do convívio diário. À medida que as diferenças culturais se expressaram em relações de poder e emergiram no âmbito das relações de sociabilidade, as pessoas passaram a exporem-se entre si, ganhando maior visibilidade no processo de inserção na região.

Quando o pastor Knoch veio para trabalhar na comunidade luterana em 1952, era ainda muito jovem. Contudo, isso não dificultou o trabalho dele e de Frau Knoch, sua esposa que veio para a Colônia um ano depois dele. Eles organizaram, com o apoio de alguns membros do presbitério e da comunidade, vários cursos para jovens, homens e mulheres, como meio de aprendizado para as diversas atividades realizadas e para as quais ainda não tinham conhecimento.

Os cursos eram separados para as moças e para os rapazes. Aprendiam noções básicas de matemática para auxiliá-los nas contas, e de língua portuguesa, especialmente como preparação de sobrevivência na Colônia Riograndense em condições ainda muito precárias. Além disso, para as moças, eram oferecidos cursos de culinária, noções de costura, especialmente para costurar roupas de trabalho e também como lidar com os

bebês. Os rapazes também recebiam orientações a respeito de adubação nas lavouras e a reposição dos nutrientes. Segundo a Sra. Knoch, esse papel exercido pela Igreja Luterana auxiliou muito nas questões referentes à sobrevivência diária na Colônia, pois muitos colonos e suas famílias não tinham conhecimentos sobre assuntos ligados ao seu cotidiano e, foram, paulatinamente, se integrando nesse processo.

A Sra. Knoch relembrou a responsabilidade do marido em relação aos jovens da colônia, ou seja, proporcionar um ambiente agradável e ser um líder entre os colonos. Ela conta que,

Olha, muitas vezes nós relemos o contrato de instalação do meu marido, então se diz dar atenção especial ao jovem, né? Num contrato de pastor que veio aquela época, e ele solteiro e todo mundo colaboraram, ajuntaram os jovens (...) brincaram, meu marido também era assim e fizeram a programação. Domingo à tarde, encheu de jovens e fizeram depois excursões, fizeram também muita coisa em outro lugar (...) onde tinha pasto limpo assim, um refresco, uma coisa, tomar banho nos rios, primeiro uma meditação e muito canto, brincadeiras. Isso é divertimento.⁵

Analisando as lembranças da Sra. Knoch é possível enveredar por caminhos que nos levam a várias reflexões. Uma delas diz respeito à importância da religião na vida das famílias, especialmente dos jovens. Outra enfatiza a convivência e o jeito simples de viver entre as pessoas que, embora culturalmente diferentes, conviviam intensamente através das relações de sociabilidade estabelecidas diariamente. Em determinados momentos, essas relações configuraram-se em tensões e disputas do espaço social que cada qual almejava. Por último, a relação estabelecida entre religião e lazer, alternativas buscadas pelas pessoas que naquela época contavam com poucas opções de lazer e de práticas culturais.

Na Igreja Luterana foi cultivada a prática de promover festas que se tornaram tradicionais ao longo dos anos. Destaco a comemoração do Dia das Mães e Dia dos Pais, o Dia da Reforma Luterana, Dia da Imigração Alemã, o Natal entre outras. Esses festejos integravam todos os membros da comunidade, inclusive os católicos, bem como recebiam pessoas de toda a região. As festas, geralmente iniciavam com um culto festivo, logo após havia almoço com churrasco, lingüiça, maionese, galinhada e para a sobremesa bolos típicos alemães e bolos comuns.

Tão importante quanto vivenciar a fé foi também a comemoração de datas especiais, como o Natal. A tradição de celebrá-lo foi preservada na Colônia Riograndense, através da religião. Celebrar a véspera de Natal com um culto religioso, com uma enorme

⁵ Entrevista com Wilhelmina M. E. Knoch em 26/07/02.

árvore, muitos hinos, entrega de *pacotinhos*⁶ às crianças, recheados com maçãs, chocolates e bolachas, especialmente as caseiras, é um costume que os evangélicos luteranos preservaram ao longo dos anos, como uma forma de recriar práticas e costumes.

Comemorar esta data envolvia uma série de funções desempenhadas especialmente pelas mulheres. Na semana do Natal, as mulheres cuidavam da arrumação da casa. Deixavam tudo organizado e bem limpo para esta data. A confecção de bolachas artesanais e a montagem da árvore, geralmente feita com galhos de pinheiros naturais, faziam parte dos preparativos.

A Sra. Grete relembra que a época do Natal tinha de ser recebida com muitas arrumações na casa:

Muito, muito importante. Une a família, une os vizinhos. Muito importante. Já dias, a dias lavar a parede, lavar a casa. Naquele tempo tinha os panos de parede, tirava tudo e lavava e deixava a casa brilhando, podia ser ranchinho, podia ser o que for! pra comemorar o dia.⁷

Vimos que, por um lado a Sra. Grete ressalta a importância de comemorar essa data, pois como ela mesma relembra, havia um sentimento de união entre a família, os vizinhos e as pessoas em geral que moravam nas proximidades e conviviam entre si. Por outro, ela reforça que era fundamental o cuidado com a casa e os preparativos, considerados dois elementos essenciais da cultura alemã, e que foram preservados e repassados para as gerações mais jovens por um longo tempo.

Note-se que a Sra. Grete, apesar de lembrar os aspectos da cultura e dos costumes, não faz menção aos aspectos religiosos que envolvem os preparativos natalinos. Na convivência entre eles, nos casamentos mistos, sofrendo a influência das transformações sócio-culturais ocorridas ao longo das décadas, esses costumes foram cedendo lugar a outros valores que o tempo transformou e que foram, gradativamente, perdendo sua força inicial.

Com o passar dos anos, foram introduzindo nos festejos os leilões de gado que, se tornaram tradicionais e que atraíram grande número de pessoas às festas. O objetivo era comemorar as datas festivas, especialmente visando à integração de todos, não só dos

⁶ *Pacotinhos* eram presentes embalados em saquinho plástico que continham chocolates, balas, bolachas caseiras, maçãs e doces em geral e eram organizados pelas senhoras da OASE – Ordem Auxiliadora das Senhoras Evangélicas, as quais pertenciam à Igreja Luterana.

⁷ Entrevista com Grete Wrede em 01/05/03.

membros do mesmo grupo da comunidade luterana como também a comunidade de católicos que, desde longa data, frequentaram as festas, e pessoas de toda a região.

O apoio da religião, fornecendo suporte espiritual e a Igreja como espaço de trocas culturais foi fundamental para as famílias que ousaram trocar sua terra por outra em busca de novos ideais e de melhores condições de vida. Não menos importante foi o apoio mútuo entre as famílias dos imigrantes alemães e seus descendentes, tanto quanto o apoio oferecido pela Igreja. Unidos, fortaleceram laços que se formaram entre eles, na convivência, nos relacionamentos, seja no trabalho ou no lazer, numa dinâmica que facilitou o processo de inserção do imigrante e seus descendentes mais rapidamente.

Outra Instituição que marcou profundamente a história de vida dos imigrantes e seus descendentes foi a escola, pois além do caráter educativo, proporcionou também a permanência dos traços culturais alemães e, mais tarde, a integração com os brasileiros. Mesmo com todos os percalços, ela serviu de apoio, integrando imigrantes, filhos e netos, na língua materna ou, mais tarde, na língua portuguesa, como veremos a seguir.

A escola como forma de integração

A instituição escolar de língua alemã contou com uma Associação Escolar desde 1925. Segundo o relatório do professor João Troucort, em 1937 a Associação contava com 40 sócios. Dela não participavam necessariamente pessoas que tivessem filhos em idade escolar. A Associação integrava também famílias que tinham em comum a vontade de preservar alguns traços da cultura alemã, especialmente a língua. Como afirma Abib, “preocupados com a educação de seus filhos, os colonos imigrantes da Riograndense fundaram a Associação de Colonos (Kolonisteverein) em 1925. Liderados pelo pastor Heinrich Wrede, em regime de mutirão, construíram em madeira, a primeira escola”. (Abib, 1991, p.118).

Bruno Soares, analisando o germanismo e o nazismo na Colônia alemã de Presidente Venceslau afirma que,

A criação de instituições e de lugares privilegiados para a manutenção e reconstrução da germanidade por parte dos colonos alemães foi uma constante em todos os núcleos coloniais criados no Brasil, tanto no âmbito rural como no urbano. Dentre as inúmeras associações levadas a cabo pelo projeto germanista para a concretização desse fim, nenhuma logrou tamanho êxito como a *Deustch Schule* (Escola Alemã). (Soares, 2009: 60).

O primeiro local onde funcionou a escola de língua alemã na Colônia Riograndense, foi na própria Igreja Luterana, mais precisamente no templo antigo. Mais tarde, com a construção da casa pastoral, as aulas passaram a ser ministradas nela (Foto 31). Um dos professores lembrados foi João Troucourt. Ele permaneceu lecionando em língua alemã na Colônia por alguns anos. A partir da mudança da escola para a língua portuguesa, as lembranças se direcionaram à Sra. Maria Ribeiro de Castro, esposa do Sr. Cupertino de Castro que, segundo relatos, se dedicou muito às crianças - filhos de imigrantes alemães e seus descendentes e também de brasileiros, alfabetizando-os e ensinando-os a língua portuguesa.

Sonia Nobre, analisando a importância atribuída à escola alemã e à Igreja Luterana constata que,

A escola, ao lado da igreja, lutava para manter viva a tradição alemã. Para isso, foram criados meios de comunicação como jornais, revistas, calendários, etc, que circulavam diariamente não apenas no ambiente escolar, mas também em toda a comunidade. Todo esse material de leitura tinha a intenção de informar e, principalmente, de formar o espírito alemão. (Nobre, 2004, p.69).



Foto nº 14 - Casa pastoral – Sede da escola de língua alemã na Água da Barra Mansa
– Década de 1940/50 (aprox.) (Arquivo pessoal de Lídia B. Braun)

A escola primária em língua alemã se manteve de forma mais estruturada nos primeiros anos da colonização. Já a partir da década de 1930, a comunidade da Colônia Riograndense passa a ser pressionada por órgãos governamentais, bem como todas as colônias alemãs do Brasil, que extinguisse de vez a língua materna, exigindo o domínio da língua portuguesa, já que esses imigrantes haviam optado pela cidadania brasileira, “pois os pré-requisitos para a cidadania plena passavam pelo domínio da língua portuguesa”. (Silva, 2008: 57). Nessa perspectiva, a escola seria o agente formador desses cidadãos, bem como de sua nova identidade cultural. Ednéia Regina Rossi ao analisar *a escola primária e a forma de socialização escolar em São Paulo*, entre 1912 e 1920, afirma que,

A escola primária assume a tarefa de nacionalizar o caboclo e o estrangeiro. Na prática, os agentes do ensino vincularam às disciplinas de história e geografia do país e instrução moral e cívica o ideal de desenvolvimento do sentimento nacional e de amor à pátria, e ao ensino da língua, a coesão da raça. (Rossi, 2003: 163).

No período da Segunda Guerra Mundial e no pós-guerra, se intensificou a exigência do domínio da língua portuguesa e a proibição das escolas de língua alemã nas colônias que ainda não seguiam as leis impostas pelos órgãos do governo brasileiro, pois “a pretensão era resolver também a pendência em relação aos grupos estrangeiros, que viviam no estado e que burlavam as leis brasileiras em suas escolas, estruturadas com base na língua, história e costumes do país de origem.” (Silva, 2008: 59).

Nessa perspectiva, as escolas de língua portuguesa foram sendo integradas à comunidade local e instaladas em alguns bairros onde pudessem dar conta da demanda da população de crianças e jovens em idade escolar. As principais escolas se constituíram, a partir de 1950, no bairro da Água da Barra Mansa, próximo ao local onde funcionava a escola de língua alemã, outra na Água do Macaco, onde se situava o clube e o armazém do Sr. Alvino e, outra ainda na Água da Estiva.

Dois aspectos devem ser considerados no que tange à proibição do idioma alemão na escola fundada pelos próprios imigrantes. Se por um lado, se viram forçados a cortar certos vínculos com a língua materna, por outro, os filhos dos imigrantes alemães e seus descendentes ao se verem obrigados a frequentar a escola de língua portuguesa passaram a conviver mais diretamente com os filhos de brasileiros que viviam na região. Vivendo essa experiência, foram incorporando outros hábitos e também adotando a língua portuguesa, distanciando-se da língua alemã, que já vinha perdendo sua força inicial. Essas redes de relações estabelecidas entre os imigrantes alemães e seus descendentes com o restante da

comunidade de brasileiros da região, impulsionaram para maior entrosamento entre eles e a inserção definitiva dos mesmos na sociedade brasileira.

Esse não foi um processo muito fácil. Muitos descendentes de alemães que passaram a frequentar a escola de língua portuguesa, de início, sofreram alguns constrangimentos, pois ainda não dominavam a língua portuguesa. Plínio Baumgarten me relatou que, ao frequentar a escola de língua portuguesa, os irmãos e ele sofreram insultos por parte dos brasileiros que os chamavam de “*alemão batata*”. Isso fez com que, inicialmente eles se isolassem do restante da turma na hora do recreio. Se houve no início da convivência preconceito por parte dos alemães em relação aos brasileiros, isso também aconteceu em relação aos alemães. Certamente, isso foi sendo superado, aos poucos, à medida que passaram a conviver mais intensamente, integrando-se aos costumes brasileiros.

Entre os anos de 1950 a 1960, a escolaridade dos jovens chegava até o quarto ano do primeiro grau. Nos anos subsequentes, com a melhoria de transportes e das questões referentes ao trabalho e à vida cotidiana em geral, as gerações mais jovens passaram a aumentar o seu nível de escolaridade.

Algumas pessoas me contaram também que não foram poucas as vezes em que levaram umas “*reguadas*” da professora, ou então, os frequentes castigos como o de ajoelhar em cima de grãos de milho, por não saberem falar a língua portuguesa. De maneira descontraída e achando muita graça, relembram esses fatos que, no passado, causaram medo e insegurança. Isso indica a superação de alguns dos traumas que marcaram a infância de muitos alemães e seus descendentes vivendo no Brasil nesse período.

A distância a percorrer para chegar à escola era grande. Em dias de chuva os caminhos se tornavam intransitáveis, prejudicando a frequência dos alunos às aulas. Como a maioria das famílias trabalhava coletivamente na plantação e na colheita, era comum que os filhos mais velhos dos colonos, em idade escolar, faltassem às aulas para auxiliarem no trabalho.

Para os alemães instalados no Brasil, a guerra representou constrangimentos em relação ao costume e ao modo de vida realimentado na Colônia Riograndense. As relações do Brasil com os Aliados, contra os países do Eixo trouxeram às famílias muitos transtornos e proibições em relação à língua alemã. Alguns dos meus entrevistados me contaram que, quando eram crianças, não sabiam falar português. Quando chegava alguém em suas casas, a recomendação dos pais era para que não *abrissem a boca*, pois poderia

trazer alguma complicação a eles. Todos os objetos que propagassem a língua alemã tinham de ser escondidos ou então, enterrados no fundo do quintal, entre as frutas e as verduras. Eram livros, jornais, revistas, fitas, entre outros. Várias pessoas me disseram que até a Bíblia tiveram de enterrar para evitar problemas mais sérios.

A partir daí os cultos na Igreja Luterana passaram a ser realizados em língua portuguesa, pois temiam que alguém pudesse denunciá-los, mesmo porque eram constantemente vigiados. Certamente, nos primeiros cultos nem todos entendiam e, às vezes, conseguiam burlar a vigilância realizando os cultos em língua alemã mas, aos poucos, foram aprendendo e se alternando entre a língua materna e a língua portuguesa. Essas questões também remetem a anos anteriores, desde o começo do século XX, quando havia a preocupação do governo em construir uma identidade nacional, proibindo a língua estrangeira em todas as colônias constituídas no Brasil e também após a Primeira Guerra Mundial.

Tais considerações contemplam as reflexões de Rossi para a década de 10 do século passado ao afirmar que,

A cultura diversificada do imigrante desafia o projeto homogeneizador da escola pública e as investidas para se instituir uma cultura capaz de legitimar a identidade nacional a partir da noção republicana. Por outro lado as escolas particulares e estrangeiras desafiavam também a construção da identidade da escola pública primária como o principal agente de formação. (Rossi, 2003: 170).

Apesar dessa situação, essa população, criou no dia-a-dia, estratégias de manter vivos alguns elementos culturais, como a língua, especialmente através da convivência entre iguais, na Igreja Luterana, na escola, nas festas e no lazer. Sem dúvida houve forte vigilância na Colônia, especialmente em festas, bailes e nos cultos, temendo que os alemães se tornassem uma ameaça. Entretanto, houve maneiras de burlar o esquema de vigilância e fazer uso de alguns elementos da cultura alemã.

Uma dessas ocasiões é narrada pela Sra. Herta.

Um dia tinha uma festa de escola em Laranjeiras e de noite era pra fazer baile lá no Luís Völk. Aí nós fomos. Foi o Plínio, meu irmão Herbert, Egon e o Heins Stellbrik. Ele era muito amigo do meu irmão, ele também estava sempre junto com nós. E nós fomos nesse baile. Aí o Luís Völk tinha que chamar a polícia de Maracaí. Ah! Tinha que ter um policial, senão, tinha muito alemão, só falava em alemão. Aí o Heins era sacana, ele enchia o soldado de bebida e ele falava bem português, ele veio de São Paulo. (...)No fim, o Heins deu tanta bebida pro soldado que ficou

bêbado, só dava risada. No fim, nós pegamos ele pra dançar, com a polícia. E o Heins tocou o hino “Alemanha por toda parte” e ele nem sabia o que era aquilo. (risos)⁸

Nessa situação de vigilância vivida, as coisas se tornavam mais difíceis. As pessoas mantinham o hábito de falar em alemão em casa, com seus vizinhos e amigos da mesma origem, pois mesmo que houvesse a proibição do governo brasileiro incentivando a criação da identidade brasileira, elas eram obrigadas a adequar-se aos costumes do Brasil. Gradativamente, imigrantes alemães e seus descendentes vão se inserindo na comunidade e construindo novas relações de sociabilidade.

Desde 1933 já havia na Colônia Riograndense um grupo de apoio ao NSDAP⁹ – Partido Nacional Socialista Alemão dos trabalhadores de Adolf Hittler, com um bloco constituído na cidade de Assis. João Troucort foi professor de alemão por alguns anos, enquanto funcionou a escola em língua alemã. Segundo Soares, “as escolas ganharam ainda uma atenção especial frente à política ideológica do Partido e a partir de 1933 muitas começaram a receber professores que eram membros do NSDAP”. (Soares, 2009: 3). Troucort escreveu no diário da escola¹⁰ um relatório em que menciona a construção da escola em 1936, com o apoio financeiro do partido nazista.

O apoio dado pelo partido nazista parece ter sido uma constante nas colônias alemãs constituídas no Brasil e uma preocupação “que determinasse nos anos vindouros o crescimento material e cultural da colônia, amparada agora pelo apoio nazista. Isso num contexto em que houve maior atenção da Alemanha às colônias brasileiras, como atesta a historiografia nacional”. (Soares, 2009: 49, 50).

Troucort relata também sobre as atividades realizadas na escola, bem como sobre dados da formação da Colônia Riograndense e da Cooperativa Teuto-Brasileira. Segundo o relatório, em 1937 havia 37 crianças estudando na escola. Havia também 160 famílias morando na Colônia, sendo que 90 eram alemãs do Reich, 45 teuto-brasileiros, 20 alemães russos e 5 brasileiros. Analisando o relatório, fica evidente que João Troucort era partidário ao nazismo e que havia a influência do NSDAP entre os alemães, tanto financeira quanto ideológica. (Troucort, Relatório da escola de língua alemã, 1937). Outro aspecto importante que foi possível evidenciar, era a relação existente entre o Partido Nazista e a escola, mas também entre ambos e a Igreja Luterana, visto que, os mesmos integrantes da Associação Escolar eram também membros da Igreja Luterana e, pelo que pude perceber,

⁸ Entrevista com Herta Weissheimer em 24/04/03.

⁹ NSDAP – sigla do nazista de Adolf Hittler – Nationalsozialistische Deutsche Arbeiterpartei.

¹⁰ A escola de língua alemã se localizava no bairro da Barra Mansa, na Colônia Riograndense.

muitos deles eram adeptos ao nazismo. Além das relações comuns estabelecidas entre eles, havia um forte elo que os identificava, à medida que sentiam necessidade de preservar a identidade e a cultura alemã no seio da comunidade.

Pelo que se sabe o partido nazista se fez presente por vários anos na Colônia e “a ideologia propalada pelos ideólogos de Adolf Hitler apenas se apropriou de um grande aparato identitário forjado pelos próprios colonos e seus descendentes ao longo do processo de fixação em território brasileiro”. (Soares, 2009, p.28).

Segundo pesquisas, Soares afirma que entre 1934 a 1936 registraram-se 26 filiados de colonos ao partido nazista em Presidente Venceslau. Já no Estado de São Paulo o número de filiados contou com 366 membros. (Soares, 2009, p.69).

Entrevistando a Sra. Olga, ela me revelou aspectos marcantes da memória que tem em relação ao partido nazista, mais especificamente sobre Hitler.

No tempo de Hitler tava bom!¹¹

Certamente, a Sra. Olga relembra do partido nazista e de Hitler, a partir da construção de uma memória coletiva sobre ambos. Pensar historicamente que Hitler foi capaz de massacrar seis milhões de judeus não faz parte da memória seletiva da Sra. Olga. Para ela, o que importa é que Hitler oferecia alguns alimentos, uma espécie de cesta básica para sua família nos momentos de crise que ela viveu na Alemanha, como ela me relatou.

Essa forma de pensar deve ter permeado muitas vidas na Colônia Riograndense. Talvez por haver ligação entre o partido nazista e alguns membros da comunidade luterana, pois como vimos no relatório do professor de língua alemã, a escola que foi organizada pelos próprios imigrantes alemães foi construída com o dinheiro do partido nazista e, mais tarde, o prédio passou a ser propriedade da Igreja Luterana, a casa pastoral. Isso indica que nos primeiros anos de colonização até a década de 1940, a presença do partido nazista ainda foi muito significativa nesse período, influenciando também a maneira de pensar, agir e viver das pessoas.

O processo de inserção e integração entre alemães e brasileiros através das relações de convivência se deu gradativamente, apesar dos entraves e percalços que foram surgindo ao longo dos anos. Dessa forma, a convivência entre iguais foi tão importante quanto as

¹¹ Entrevista com Olga Henschel em 07/05/02.

relações estabelecidas com as instituições que deram sustentação nessa caminhada de intensos desafios.

Sobre esse assunto, Janete Leiko Tanno (2008: 66) afirma que,

Nesse processo de adaptação à nova realidade, a convivência com os iguais era uma forma de manter a identidade e com certeza suavizar, ainda que minimamente, a saudade da terra natal, as dificuldades, os sofrimentos e as angústias que sentiam trabalhando e vivendo numa terra estranha.

Entre as pessoas de mesma origem, a língua alemã se constituiu num elemento de coesão, mas representou também, um motivo de tensão, pois imigrantes e migrantes alemães tiveram dificuldades de assimilar a língua portuguesa. Mas, com o passar dos anos, foram aprendendo através da convivência. Bourdieu (1989: 112) assinala que a língua falada por um determinado grupo social expressa as formas de representação de sua cultura.

Eram as diferenças dialetais expressando as diversidades culturais que os distanciavam, uma vez que a língua, o dialeto ou o sotaque são objetos de representações mentais, quer dizer, de atos de percepção e de apreciação, de conhecimento e de reconhecimento em que os agentes investem os seus interesses e os seus pressupostos.

A Sra. Grete relembrou esses momentos com muitos risos.

Saía cada português engraçado¹²

Certamente, a Sra. Grete considera essa experiência engraçada após ter assimilado bem a língua portuguesa. Se considerarmos o que Bourdieu assinala acima, quando afirma que a língua e os dialetos representam as diversidades culturais, devemos reconhecer que esse processo foi complexo e não foi nada fácil para quem viveu essa experiência.

Na Colônia, sempre houve uma alternância entre a língua alemã e os diferentes dialetos. Entretanto, havia uma predominância tanto do alemão culto, *Hochdeutsch* quanto do *Hunsrückisch* – o dialeto usado pelos gaúchos, entre outros dialetos. O alemão culto e o dialeto dos gaúchos eram usados frequentemente, em diferentes situações e circunstâncias. O *Hunsrückisch* é um dialeto falado na região de *Hunsrück* que fica no sestado da

¹² Entrevista feita com Grete Wrede em 19/07/02.

Renânia-Palatinado (Rheinland-Pfalz), situado no sudoeste da Alemanha. Muitas pessoas emigraram da região do Hunsrück para o Brasil.

O principal motivo da vinda para o Brasil foi a questão da realidade econômica, pois era uma região muito pobre da Alemanha. Não só a Alemanha, mas toda a Europa respirava aliviada com o fim do flagelo napoleônico, em 1815. Embora a guerra tivesse acabado com a derrota de Napoleão na batalha de Waterloo, no entanto, em nada mudou as péssimas condições que a Alemanha passava tanto nas cidades quanto no campo. No campo imperava o minifúndio. Pela contínua exploração das terras, elas tornaram-se pouco produtivas. Mas de nada revolvía o abandono do campo pelos camponeses, pois estes não encontravam emprego nas cidades.

A indústria manufatureira havia criado novas profissões, para as quais os camponeses não tinham qualificação, pois eram na maioria ex-servos. Essa situação perdurou na Alemanha e, em especial na região do Hunsrück até o final do século XIX e, dessa forma, muitas pessoas resolveram emigrar para o Brasil. Aqueles que vieram da região do Hunsrück foram primeiramente para a região sul do Brasil, especialmente para o Rio Grande do Sul, a partir de 1824. A possibilidade de obter uma pequena propriedade no campo e de sobreviver nele, tanto o indivíduo quanto sua família, estava muito presente entre aqueles que foram para o sul do Brasil.

Nas conversas entre as pessoas que moravam na Colônia Riograndense foi possível observar alguns aspectos interessantes em relação ao uso da língua, entre alemães e gaúchos, utilizando o alemão culto e o dialeto, ou então ambas as formas de linguagem.

Aquelas pessoas cuja língua se baseava no *Hunsrückisch*, que eram os alemães-gaúchos, vindos diretamente do Rio Grande do Sul, frequentemente usavam também termos do *Hochdeutsch*. O contrário era mais difícil acontecer, mas as pessoas conviviam utilizando as duas formas da língua alemã ou utilizando-as simultaneamente, dependendo dos momentos e relações vividas. Como exemplo, podemos citar uma frase utilizando o dialeto, mas com traços do alemão culto: *Mia sin dot runna gelauf*. Utilizando somente o alemão culto a frase ficaria assim: *Wir sind da runter gelaufen*. Traduzindo: Nós descemos correndo.

Ao mesmo tempo em que as pessoas utilizaram, tanto o alemão culto quanto os dialetos, dependendo do momento do diálogo, era muito comum introduzir palavras da língua portuguesa em longas conversas realizadas tanto no dialeto como no alemão culto. Por exemplo: “Ach! Ich kann awa net ohne mein *chimarrão* bleibe, dann krin ich sogá *saudades*”. Traduzindo: “Ah! Mais eu não posso ficar sem o meu chimarrão, pois então eu

fico até com saudades”. Por último, e não menos frequente, ocorreu a formação ou a associação de palavras da língua portuguesa com o alemão ou ainda a assimilação de termos do português para o alemão. Alguns exemplos: *Mexiere*, quer dizer mexer, *balanciere*, quer dizer balançar, *acostumiere* é acostumar, *Moskit* é mosquito, *Lat* é lata, *Pat* é pato, *Mandiók* é mandioca e assim por diante.¹³

É interessante notar que, em relação à questão da língua, as pessoas sempre se lembram achando engraçado os momentos em que eles desconheciam a língua portuguesa. Apesar da discriminação que os alemães sofreram em relação a essa questão, especialmente no período da guerra, com a perseguição em relação à língua alemã, fica evidente que havia sempre uma maneira de contestar e resistir, mesmo que discretamente, mantendo o uso da língua materna. O contrário também aconteceu constantemente, pois os alemães tiveram atitudes de preconceito em relação aos brasileiros, discriminando-os, procurando no início manter pouco contato com eles, evitando também os casamentos dos seus filhos e filhas com brasileiros.

Essa forma de enxergar o brasileiro, como sendo de um nível cultural mais baixo é compreensível, se considerarmos o contexto histórico de ambas as culturas que já vinham impregnadas de preconceitos em relação a todo um modo de viver e de trabalhar. A integração e o convívio diário permitiram que as pessoas se conhecessem melhor e que, aos poucos, fossem deixando o preconceito para trás. O resultado dessa integração foi a inserção da população imigrante à sociedade brasileira e uma experiência de intensas trocas culturais entre ambas as partes.

Em relação à preservação da tradição cultural na Colônia, geralmente as pessoas revelam certa tristeza por algo que consideram ter perdido. A convivência na escola, na Igreja Luterana, na Cooperativa Riograndense, nas festas, nos clubes foi mais intensa no passado e vivida de forma diferente das relações estabelecidas em períodos mais contemporâneos, pois as famílias se reuniam até mesmo nos barracões, utilizados outrora como armazém de alfafa, para apresentar peças teatrais, assistir a filmes e documentários que reforçavam aspectos da cultura alemã e os modos de viver na própria Alemanha; cantavam nas festas e falavam a língua alemã em casa e, naturalmente, no dia-a-dia.

Considerando esses espaços como formas de preservar alguns traços da cultura alemã, a análise de Soares sobre a importância da escola alemã e da Igreja Luterana como

¹³ Esses exemplos foram retirados da Dissertação de Mestrado de Any Lamb Fenner (2001) que nasceu na Colônia Riograndense. Esses exemplos foram citados por ela em sua dissertação como sendo situações de diálogos vivenciados entre a população que era culturalmente diversificada.

espaço de sociabilidade e da preservação de alguns elementos da tradição alemã é fundamental já que reforça os vínculos com a Pátria de origem. Soares (2009: 42) afirma que,

Com a criação da escola alemã e da Igreja Luterana, alguns espaços de sociabilidade foram sendo criados e a comunidade teuta de Aymoré pode reconstruir, mesmo que de forma peculiar, uma vida associativa nos moldes deixados na Alemanha. A identidade do imigrante é forjada na rememoração desses traços culturais diários, nas canções, no uso da língua, na escola, nos cultos (...).

Quando pergunto sobre esses costumes, Sr. Heinrich relembra que,

Não tem mais. Geralmente as apresentações nas festas, de teatro era em alemão, os jovens já....quando o Alfredo, o Dago, o Arnoldo e outros assumiram, esses um ainda falaram alemão, ainda falam o alemão, mas era só, os outros já não....então, fazer uma apresentação em alemão não tinha mais jeito, e hoje então nem se fala. (...) Pois é, eu não sei, tem jovem que não quer saber da origem dele”¹⁴.

É compreensível que o Sr. Heins critique as gerações mais jovens que, segundo ele, perderam o interesse por qualquer tipo de contato ou ligação com as suas origens, expressando o sentimento de ser uma geração diferente da geração dos mais velhos. Ele se refere a algumas pessoas que fazem parte de uma geração mais jovem que ainda preservaram durante algum tempo certos costumes em festas e no dia-a-dia, ou então, passaram a ressignificá-las. Tratava-se de uma preservação das tradições que acontecia em meio ao cotidiano ou então de maneira comunitária, mas diferentes das gerações mais jovens que sofreram profundas influências das transformações histórico-culturais ocorridas nas últimas décadas do século XX e que não tem o mesmo contato que os mais velhos tiveram com a cultura alemã.

A tradição da língua alemã herdada dos imigrantes passou a não fazer mais sentido nas vidas das pessoas. Tanto as gerações mais jovens quanto as mais velhas não sentiram necessidade de preservá-la. Eles viveram outros tempos, frequentaram outras escolas, enfrentaram novas condições de trabalho, conviveram com pessoas de diferentes culturas e modos de viver e, portanto, preservar as tradições e costumes herdados dos mais velhos passou a não ter mais a importância que tinha no passado. Ou seja, foram se estabelecendo

¹⁴ Entrevista com Heinrich F. T. Hoffmann em 19/07/02.

novas relações de sociabilidade numa colônia que já não existe mais e se transformou com o passar dos anos, com a aceleração do mundo contemporâneo¹⁵, em todos os segmentos da comunidade.

Entretanto, foi possível apreender no dia-a-dia das famílias algumas formas de preservação de alguns traços da cultura alemã, fragmentos de uma tradição que foi herdada e que, em certos momentos, foi e ainda é reelaborada. Esses traços estão impregnados nos hábitos alimentares, nos modos de se vestir, na forma de se expressar, seja através da língua ou dos gestos, na personalidade, às vezes mais retraída e fechada, nas reuniões de família ou com os amigos, na memória, nas festas, no trabalho e em tantos outros momentos e lugares.

Dirigente do Grupo Folclórico “Goldenner Sonnenschein”, que foi fundado em 1984, apoiado e patrocinado pela Cooperativa Riograndense na gestão de Adêmio Fetter, Johanna Ziegler esteve à frente do grupo aproximadamente por sete anos. Nasceu e cresceu na Colônia Riograndense, onde mantém sua propriedade de terras e uma bela casa em que passa os finais de semana, mas desde longa data mora em Assis com a filha, o genro e o neto. Johanna cursou a faculdade de Educação Física, mas não exerceu a profissão e sempre se dedicou à família. A filha fala fluentemente a língua alemã e, sempre que possível mãe e filha reúnem um grupo de amigos, do qual eu também faço parte para ensaiar danças típicas alemãs, por ocasião de algum evento como a *Festa do Joelho de Porco (Eisbein)*, ou ainda para ensaiar peças teatrais e apresentá-las em noites natalinas. O neto de Johanna fala bem o alemão e entende perfeitamente, pois a avó conversa com ele somente em língua alemã. É evidente que o contato com os amigos brasileiros leva ao distanciamento da cultura alemã.

O seu genro é brasileiro, mas é adepto da cultura alemã e faz questão de demonstrar isso. Apesar de não ter o domínio da língua, procura manter, mesmo que de forma reelaborada, alguns dos costumes da cultura alemã. Johanna e Heinrich, são netos do primeiro pastor luterano da Colônia Riograndense e são sobrinhos da Sra. Grete Wrede. Johanna também é viúva do neto de Michel Lamb.

Dialogando com a Sra. Johanna, que foi dirigente do grupo folclórico alemão *Goldener Sonnenschein* durante anos, foi possível apreender o significado que as pessoas mais velhas atribuem ao fato de não haver a preservação da língua alemã. Como ela diz,

¹⁵ Sobre esse assunto ver Raymond Williams. *Marxismo e literatura* (1979).

A língua já está quase acabada na Colônia, quase. Tem mais alguém que fala alemão das crianças? As mães novas igual a você, elas têm um pouco de vergonha de falar e daí não conversam porque acham que falam errado, mas esquecem que não têm importância, melhor falar errado do que não falar. (.....) Essa parte é uma pena que acabou.¹⁶

O que Johanna tem dificuldade em aceitar é que as pessoas foram se inserindo na sociedade brasileira e que, para elas, preservar alguns elementos da tradição alemã, como por exemplo, a língua, envolve aspectos que fazem parte de uma nova identidade, mesmo que em determinados momentos elas se apropriem da cultura alemã para obter alguma vantagem, ou então, ressignifiquem a cultura herdada dos antepassados no seu cotidiano, como por exemplo, na culinária. Isso diverge da época de juventude de Johanna quando se convivia intensamente com a cultura alemã.

Sentimentos múltiplos que emergiram das pessoas indicam que houve mudanças nos modos de viver das pessoas. Muitos descendentes dos imigrantes alemães sentiram profundamente que a tradição tenha acabado. Mas eles têm consciência das mudanças estruturais ocorridas na Colônia Riograndense. Festas tradicionais e grupos folclóricos podem até retomar algumas dimensões da cultura, mas as vivem de outra maneira, recriando-as constantemente. Entre algumas pessoas houve um desejo de preservar a tradição, retomando alguns elementos da cultura, enquanto para outros, essas práticas não passaram de momentos de lazer e de sociabilidade, mas em ambos os casos a tradição herdada foi sendo recriada, ao mesmo tempo em que construíram uma nova identidade.

Referências Bibliográficas

BOURDIER. P. *O Poder Simbólico*. Lisboa: Difel, 1989.

CHARTIER, Roger. *A História Cultural*. Entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

DONZELLI, Cleivaldo Aparecido. *Bairros rurais de Penápolis – SP no contexto do processo migratório - 1940-1970*. Dissertação (Mestrado em História) Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2006.

JOLY. Martine. *Introdução à análise da imagem*. Trad. Marina Appenzeller. Campinas, SP: Papyrus, 1996.

¹⁶ Entrevista com Johanna Ziegler em 25/04/03.

NOBRE, Sonia AP. dos Santos. *Associação dos professores teuto-brasileiros do Estado de São Paulo*: uma reconstrução histórica da trajetória de um órgão associativo voltado à educação étnica no período de 1916 a 1938. Dissertação de Mestrado em História. Universidade Estadual de Campinas, 2004.

ROSSI, Ednéia Regina. “*Insuladas Tribos*” - A escola primária e a forma de socialização escolar. São Paulo (1912 – 1920). Dissertação (Doutorado em História) Faculdade de Ciências e Letras de Assis, Universidade Estadual Paulista, 2003.

SOARES, Bruno P. *Germanismo e nazismo na colônia alemã de Presidente Venceslau (1923 – 1945)*. Dissertação de Mestrado em História. Faculdade de Ciências e Letras de Assis - UNESP, 2009.

TANNO, Janete Leiko. Formas de Sociabilidade e inserção de imigrantes japoneses e seus descendentes na sociedade paulista. 1930 – 1970. In: HASHIMOTO, F; TANNO, J. L.; OKAMOTO, M. (Orgs.) *Cem anos de Imigração Japonesa. História Memória e Arte*. São Paulo: Editora UNESP, 2008.

THOMPSON, E. P. *As peculiaridades dos ingleses e outros artigos*. Campinas: Ed. Unicamp, 2001.